

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Michelle e Flávio Bolsonaro ainda não se entenderam

Quem assistiu ao vídeo em que Michelle Bolsonaro disse que aceitava o pedido de desculpas de seu enteado, o candidato a presidente da República pelo PL, Flávio Bolsonaro, sentiu pelas feições da ex-primeira-dama que não era bem assim. Michelle deixou claro que se movia “pelo meu marido”, o ex-presidente Jair Bolsonaro. E pediu: “Vamos sentar, vamos conversar, ajustar os detalhes.”

Mas essa conversa para “ajustar os detalhes” entre os dois é que ainda não ocorreu. Aliados de ambos os lados contam que a relação pessoal continua fria, para dizer o mínimo. E as demonstrações públicas posteriores à briga não foram no sentido do entendimento.

Michelle faltou às duas oportunidades de aparecer publicamente ao lado do enteado. Mandou um vídeo de pouco mais de quatro minutos para a convenção nacional do PL, em 25 de julho, quando foi oficializada a candidatura de Flávio Bolsonaro. Mencionou o enteado, na gravação, apenas uma vez ao lhe declarar apoio. Focou seu discurso nas pautas do PL Mulher.

A ex-primeira-dama argumentou que não podia ir a São Paulo porque precisava ficar perto do marido. Mas mandou avisar à imprensa que estaria em Brasília, na convenção local do partido para oficializar sua candidatura ao Senado, no dia 2 de agosto. Flávio apareceu, porque sabe que precisa do apoio público da madrastra em sua campanha. Michelle Bolsonaro, no entanto, novamente se ausentou. Internou-se numa clínica e mandou mensa-

gem afirmando que estava sofrendo uma crise de enxaqueca.

No entanto, não vieram somente dela os gestos públicos contrários a uma reaproximação. Os aliados de Michelle enxergaram em movimentos objetivos da campanha de Flávio Bolsonaro decisões que se chocaram diretamente com os desejos de madrastra.

O que teria deixado Michelle mais irritada, segundo suas aliadas mais próximas, foi a escolha de um homem – o deputado federal Alfredo Gaspar (PL-AL) – para candidato a vice-presidente da República na chapa de Flávio Bolsonaro.

Michelle não queria apenas uma mulher. Queria a deputada federal Priscila Costa, que era vice-presidente nacional do PL-Mulher. Chegou a acenar no partido que a escolha de Priscila seria um gesto de pacificação. Afinal, a deputada foi o nome que Michelle tentou emplacar para o Senado numa chapa do PL em apoio a Eduardo Girão (Novo) como governador.

Mas Flávio Bolsonaro não abriu mão da chapa encabeçada por Ciro Gomes (PDT), o que desencadeou o episódio do rompimento. Segundo a madrastra denunciou em vídeo, o enteado a teria maltratado em um telefonema que ela classificou como “uma punhalada”.

Para completar, o candidato a presidente pelo PL ignorou Priscila Costa na sua chapa. No Ceará, ela teve que abrir mão da candidatura ao Senado para Alcides Fernandes, pai do presidente regional do partido. E Girão acabou ficando sem espaço na campanha do estado, com Ciro em primeiro lugar nas pesquisas. Teve que optar pela candidatura a vice na chapa de Romeu Zema (Novo).

Ou seja, Michelle e Flávio não só não se entenderam como continuam se desentendendo.

FERNANDO MOLICA

Jornalista e escritor

Flávio não pegou o Centrão

Com intenção bem diversa da anunciada em 2018 pelo general Augusto Heleno, o candidato do PL à Presidência, Flávio Bolsonaro, também tentou pegar o Centrão — mas não conseguiu fisgar um partido sequer do grupo para sua chapa presidencial.

O senador fluminense não seduziu agremiações que, diferentemente do sugerido pelo militar, é que pegaram e se apossaram do governo de seu pai, Jair Bolsonaro. Como no samba parodiado por Heleno — que cumpre pena por tentativa de golpe de Estado —, não ficou um, mermão.

O isolamento de Flávio não indica apenas um descrédito em relação à sua candidatura; revela também que a mais permanente, mutável, adaptável e original criatura do sistema político brasileiro — o Centrão — alçou voo próprio e não precisa colar nesse ou naquele pretendente ao Planalto.

Os partidos que fazem parte do grupo sabem que estarão no futuro governo, independentemente do resultado da eleição; têm certeza de que serão cortejados pelo futuro presidente, e não apenas na formação do governo. Também receberão doces propostas a cada votação importante no Congresso.

A expansão das emendas parlamentares deu a cada político da Câmara ou do Senado o direito de gritar “Dependência ou morte” para o

presidente da República. Eles embalam ou derubam o antigo berço esplêndido do Planalto.

No caso do clã Bolsonaro há, como agravante, a centralização das decisões nas mãos do ex-presidente. Um poder que, lastreado em sua popularidade e na rejeição ao petismo, chegou ao ponto de fazer com que Jair preferisse a eventual derrota de alguém da família do que a vitória de outro candidato da direita.

Ao descartar a candidatura do governador Tarcísio de Freitas à Presidência, o chefe da família reforçou o desejo de criar uma dinastia; o Centrão reiterou que, fiel ao seu princípio roubado da oração de São Francisco, não dá sem receber.

A ausência dos amigos de fé, irmãos camaras das de PP, Republicanos e União Brasil, porém, não inviabiliza a candidatura de Flávio. Mesmo que houvesse um apoio formal desses partidos seria impossível conter traições de candidatos a cargos legislativos ou a governos estaduais em locais onde Lula for mais popular, como no Nordeste.

O tempo de propaganda na TV e no rádio — que daria ao senador minutos adicionais com a adesão do Centrão — ainda é relevante, mas, como Jair mostrou em 2018, deixou de ser tão decisivo em tempos de redes sociais. Além do mais, em um eventual segundo turno, o tempo é dividido igualmente entre os finalistas.

O problema de Flávio é outro e está relacionado com a proposta política excludente do seu clã: vacinado, o Centrão demonstrou que rejeita cabresto e que não vacila na hora de largar a mão de quem quer que seja.

EDITORIAL

Prudência do BC pelos efeitos do tarifaço

A decisão do Banco Central de reduzir a taxa básica de juros em apenas 0,25 ponto percentual representa um movimento cuidadosamente calculado entre duas pressões que desafiam a política econômica brasileira. De um lado, permanece a necessidade de manter a inflação sob controle, preservando a credibilidade conquistada após anos de combate à alta dos preços. De outro, cresce a incerteza provocada pelo recrudescimento do protecionismo internacional, impulsionado pelo tarifaço anunciado pelo presidente norte-americano Donald Trump, cujos efeitos tendem a repercutir sobre o comércio global e as economias emergentes.

Embora parte do mercado esperasse um corte mais expressivo, a opção por uma redução modesta sinaliza que o Banco Central prefere agir com cautela diante de um cenário ainda volátil. A inflação doméstica apresenta trajetória de desaceleração, mas continua sensível a oscilações cambiais, choques de oferta e expectativas dos agentes econômicos. Um afrouxamento acelerado da política monetária poderia comprometer esse processo e reavivar pressões inflacionárias justamente quando a estabilidade de preços começa a se consolidar.

Ao mesmo tempo, não se pode ignorar que juros elevados restringem investimentos, dificultam o acesso ao crédito, limitam o consumo das famílias e retardam a recuperação da atividade econômica. Um corte de apenas 0,25 ponto tende a produzir efeitos positivos, porém graduais, insuficientes para impulsionar de forma significativa o crescimento no curto prazo. Empresas e consumidores continuam enfrentando um custo financeiro elevado, o que reduz o dinamismo da economia.

No cenário externo, o retorno de medidas tarifárias mais agressivas por parte dos Estados Unidos amplia o grau de incerteza internacional. Barreiras comerciais alteram cadeias globais de produção, reduzem o fluxo de investimentos e pressionam mercados cambiais. Para países como o Brasil, isso significa maior volatilidade, possibilidade de desvalorização da moeda e impactos indiretos sobre a inflação. Nesse contexto, a prudência monetária também funciona como mecanismo de proteção contra choques vindos do exterior.

O desafio, portanto, consiste em encontrar o equilíbrio entre responsabilidade e estímulo. Nem a manutenção de juros excessivamente altos nem uma redução precipitada atendem aos interesses do país. O corte de 0,25 ponto pode ser visto como um primeiro passo, desde que seja acompanhado por uma trajetória consistente de queda da inflação e por um ambiente fiscal confiável. Mais do que atender às expectativas imediatas do mercado, a política monetária deve preservar a estabilidade econômica sem perder de vista a necessidade de crescimento, geração de empregos e fortalecimento da competitividade brasileira em um mundo cada vez mais marcado por tensões comerciais e incertezas geopolíticas.

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher

CLÁUDIO MAGNAVITA

redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 Whatsapp: (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO

Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520 Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

BRASÍLIA

ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes Brasília - DF CEP 71736-20

SÃO PAULO

Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200 Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal